

EDUCAÇÃO, IGREJA E DISCIPULADO
EM SÃO JUSTINO, MÁRTIR DE ROMA

Copyright © André da Silva, 2024

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida,
sejam quais forem os meios empregados, sem a autorização
prévia e expressa do autor.

EDITOR
João Baptista Pinto

CAPA
Jenyfer Bonfim

PROJETO GRÁFICO/EDITORAÇÃO
Luiz Guimarães

REVISÃO
Do Autor

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

LETRA CAPITAL EDITORA
Tels. (21) 3553-2236 / 2215-3781
www.letracapital.com.br

André da Silva

EDUCAÇÃO, IGREJA E DISCIPULADO
EM SÃO JUSTINO, MÁRTIR DE ROMA

LETRCAPITAL

Conselho Editorial

Série Letra Capital Acadêmica

Ana Elizabeth Lole dos Santos (PUC-Rio)

Beatriz Anselmo Olinto (Unicentro-PR)

Carlos Roberto dos Anjos Candeiro (UFTM)

Claudio Cezar Henriques (UERJ)

Ezilda Maciel da Silva (UNIFESSPA)

João Luiz Pereira Domingues (UFF)

João Medeiros Filho (UCL)

Leonardo Agostini Fernandes (PUC-Rio)

Leonardo Santana da Silva (UFRJ)

Lina Boff (PUC-Rio)

Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)

Maria Luiza Bustamante Pereira de Sá (UERJ)

Michela Rosa di Candia (UFRJ)

Olavo Luppi Silva (UFABC)

Orlando Alves dos Santos Junior (UFRJ)

Pierre Alves Costa (Unicentro-PR)

Rafael Soares Gonçalves (PUC-RIO)

Robert Segal (UFRJ)

Roberto Acízelo Quelhas de Souza (UERJ)

Sandro Ornellas (UFBA)

Sergio Azevedo (UENF)

Sérgio Tadeu Gonçalves Muniz (UTFPR)

Waldecir Gonzaga (PUC-Rio)

Sumário

Prefácio	7
1. Introdução	15
2. Grupos Sociais e Escolas Filosóficas	17
2.1 Grupos linguísticos: grego, latim, hebraico, siríaco.....	17
2.2 Elogio ao imperador como “amante da cultura”	20
2.3 Reconhecimento da capacidade retórica de Justino	23
2.4 Percurso intelectual declarado no itinerário de conversão de Justino	26
3. Tendências Eclesiásticas	65
3.1 A formação eclesial romana rudimentar	65
3.2 A formação rabínica e a metodologia midráxica	68
3.3 O herético Marcião e os seus seguidores	74
3.4 Constituição pedagógica das escolas gnósticas elencadas no trigésimo quinto capítulo do <i>Diálogo com Trifão</i>	89
3.5 Referências à inscrição SIMONI DEO SANCTO	99
3.6 Reflexões conclusivas	101
4. Características Determinantes da Comunidade de Justino em Roma	103
4.1 Obscuridade arqueológica	104
4.2 A comunidade de são Justino em seus escritos	107
4.3 Condição moral da comunidade cristã	113
4.4 Competência ministerial da maestria cristã	119
4.5 Estrutura e suporte material para os professores cristãos ..	122
4.6 Avanço da credibilidade dos mestres cristãos e acessibilidade ao processo formativo	124
4.7 Persuasão e fé.....	127
4.8 Reflexões conclusivas	128

5. Livros, Conteúdo e Ensino.....	131
5.1 Exemplo do uso da matemática.....	131
5.2 A convergência de nomes e as suas funções na hermenêutica cristã.....	133
5.3 Pouca referência a Jó.....	140
5.4 O conjunto dos livros proféticos e o novo uso dos apomnemoneumata de Xenofonte.....	143
5.5 A conjunção dos conceitos eclesiásticos e pedagógicos em são Justino	149
5.6 Reflexões Conclusivas	152
6. Características da Constituição Pedagógica da Escola de Justino.....	153
6.1 A estrutura escolar.....	153
6.2 Contraposição entre a proposta universal de conhecimento da fé e a especialização e dedicação para a reflexão da mesma	157
6.3 Leis pedagógicas inerentes à interpretação dos textos bíblicos	161
6.4 Componentes pedagógicos definitivos para o sucesso da comunidade cristã de Justino.....	163
6.5 Reflexões conclusivas	169
7. Conclusões finais.....	171
8. Referências bibliográficas.....	177
Posfácio.....	193
Índice de Nomes	198

Prefácio

A Igreja e sua tradição no campo da Educação a partir de Justino de Roma

Com grande carinho aceitei prefaciар a obra “Educação, Igreja e Discipulado em São Justino, mártir de Roma”, do Prof. André Luiz Rodrigues da Silva, doutor em Ciências Patrícias, pelo Agostiniano de Roma, e professor do Departamento de Teologia da PUC-Rio, na graduação e na pós-graduação. Foi, e creio que o será para todos os leitores, uma enorme oportunidade para beber das fontes patrísticas no campo da educação e constatar o quanto isso influenciou as gerações futuras, com seu imenso e bonito legado chegando até nós, com todo o acesso que temos aos textos dos Padres da Igreja, orientais e ocidentais.

Esta obra, trata-se, como pediu o Concílio Vaticano II (1962–1965) de um voltar às fontes dos Padres da Igreja, os quais beberam enormemente das fontes bíblicas. Como eu gosto de dizer, os Padres da Igreja eram homens capazes nas ciências da Palavra de Deus, tanto do Antigo Testamento, como do Novo Testamento; foram homens que se debruçaram totalmente sobre a Palavra Escrita, para melhor compreender a Palavra Encarnada e continuar desvendando a Palavra Revelada, aquela que Deus, em seu silêncio, pronunciou na Plenitude dos Tempos, quando o tempo se fez maduro (Lc 1,1-4; Gl 4,4-5; Hb 1,1-4). Os Padres da Igreja tinham presente o que afirma a Segunda carta de Timóteo: “Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para instruir, para refutar, para corrigir, para educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito, qualificado para toda boa obra”. A educação percorre todos esses passo e forma para as boas obras, para a inserção e transformação social, e disso o Senhor nos pedirá conta no misericordioso e definitivo encontro, pois “somos criaturas dele, criados em Cristo para as boas obras” (Ef 2,10) e Deus “retribuirá a casa um segundo as suas obras” (Rm 2,6).

Os Padres da Igreja foram homens que souberam dedicar-se ao estudo da Palavra e a confiar totalmente suas vidas nas mãos d'Aquele que é o “o autor e consumidor de nossa fé”, Jesus Cristo (Hb 12,2). Eles compreenderam que “a fé é uma posse antecipada do que se espera, um meio de demonstrar as realidades que não se veem” (Hb 11,1), e por Ele entregaram suas vidas, sobretudo no campo da formação, educação e promoção humana, a fim de que todos tivessem “a vida plena” (Jo 10,10) prometida pelo Senhor e Mestre, Cristo Jesus, o Lógos Eterno (Jo 1,1-18), aquele que é o princípio e o fim de todas as coisas: “o Alfa e o Ômega” (Ap 1,8), “por meio do qual todas as coisas foram feitas, visíveis e invisíveis” (Cl 2,16).

Ao menos três realidades são dignas de observação, para que possamos considerar a relevância de um estudo de natureza pedagógica à luz da Literatura Patrística: 1) a criança que recebe seus valores e tradições de seus pais; 2) o discípulo que amadurece na companhia de seus mestres; 3) e o fiel que compreende a importância dos mistérios sagrados no contexto da sociedade em que vive.

Os antigos chamam de pedagogo um servo cuja atribuição consistia na tarefa de levar e buscar as crianças de suas casas para as casas dos mestres, prevendo que a “pedagogia” seja uma palavra formada com duas raízes gregas: em primeiro lugar, o substantivo *παις* observando a criança como necessitada e favorecida de uma ajuda experiente para o seu desenvolvimento. Assume-se, em segundo lugar, a raiz do verbo *ἄγω* para reforçar as ideias de dependência, de disciplina, de perseverança e de aprendizagem. O verbo *ἄγω*, em grego, admite significados complementares que envolvem as ações de conduzir, guiar, nutrir, curar etc.

Quando nos voltamos para a Escritura, por exemplo, no Sl 119,52, lemos o salmista afirmar: “Senhor, desde criança aprendi seus mandamentos, que firmaste para sempre”. Para Paulo, na carta aos Gálatas, compara a Lei a um Pedagogo (Gl 3,24-25: *ὁ νόμος παιδαγωγός*), que é chamado a cumprir sua missão na educação, formação e acompanhamento da criança até a idade adulta, para depois deixá-la livre para seguir seu caminho, dando passos rumo a seu ideal e destino, segundo o coração de Deus. Além dos mestres do ensino e acompanhamento, a própria vida se torna mestra de vida, como se percebe em toda a Escritura, e o grande *παιδαγωγός* é o próprio Deus, fonte e cume da vida.

A observação do autor, acerca das três realidades dignas de observação no campo da educação, faz-me olhar para o fato de que Mishnah indica os períodos do aprendizado para o homem, em uma sequência muito interessante, observando as idades como momentos especiais para cada tipo de aprendizado e/ou decisão na vida: aos 5 anos, estamos aptos para a Escritura; aos 10, para a Mishnah; aos 13, para a observância dos Mandamentos (Lei); aos 15, para o Talmud (Babilonense e Palestinense); aos 18, para a alcova nupcial; aos 20, para seguir uma vocação; aos 30, para o poder; aos 40, para o discernimento; aos 50, para o conselho; aos 60, para ser ancião; aos 70, para cabelos grisalhos; aos 80, para força especial; aos 90, para as costas curvadas; aos 100, o homem é alguém que já morreu (M. Aboth 5,21). Parece ser uma prática comum, visto que Regra de Vida da Comunidade Qumran, afirma: “Que, depois dos 60 anos, nenhum homem fique no poder como juiz da congregação; por causa da infidelidade dos homens, seus dias diminuem e, no calor de sua ira contra os habitantes da terra, Deus ordenou que a compreensão deles declinasse antes que seus dias se completassem”.

Igualmente para o mundo grego, que também tinha seu esquema, que parece ser inclusive parecido, talvez pela proximidade territorial da Grécia com o Oriente Médio, pois Sólon, o legislador ateniense (635–560 a.C.), calcula a vida em 10 períodos de 7 anos (7 idades): sete anos depois do 1º sopro, o menino muda todos os dentes; fortificado por igual período, mostra os primeiros sinais viris; em um 3º, seus membros crescem, a barba surge em seu rosto incerto; depois de um 4º período igual, sua força e seu vigor alcançam o apogeu; quando se passam 5 vezes 7 anos, o homem deve pensar em se casar; aos 42 é bastante sábio para fugir de atos vis, estultice e medo; quando tem 7 vezes 7 anos, ao juízo somam-se perspicácia e eloquência; quando esses períodos somam 9, embora enfraquecidas as faculdades resistem; quando Deus lhe concede 10 vezes 7, o homem idoso se prepara para o céu.

Ainda, para Hipócrates (460–377 a.C.), o médico grego, considerado o pai da medicina, o homem tem 7 idades e deve aprender cada vez mais em cada uma delas: lactância, infância, adolescência, juventude, virilidade, meia-idade e velhice. Para ele, o homem: é infante até completar 7 anos, idade em que começa a trocar os dentes; é criança até alcançar a idade da puberdade, que acontece aos 14 anos; é rapaz

até a barba começar a crescer e essa ocasião é o fim de um 3º período de 7 anos; é jovem até o término do crescimento de todo o seu corpo, o que coincide com o 4º período de 7 anos; então, ele é um homem até chegar aos 49 anos ou 7 vezes 7 períodos; é idoso até os 56 anos, 8 vezes 7 anos de idade; depois disso, é velho.

Para Clemente de Alexandria (150–215 d.C.), o grande pedagogo da humanidade é o Lógos Divino, que se revelou como servo humilde para que homens e mulheres saíssem da distração oscilante de suas obras a fim de que pudessem se assentar aos pés do Mestre, que é Κύριος/Senhor, Jesus Cristo, para receber o prêmio da salvação, que só é possível no nome d'Ele, como indica At 2,12: “Pois não há, debaixo do céu, outro nome dados aos homens pelo qual devamos ser salvos”; ainda, segundo Paulo: “Para nós, contudo, existe um só Deus, o Pai, de quem tudo procede e para quem nós somos, e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe e por quem nós somos” (1Cor 8,6).

Neste sentido, no mar da vida, o barco não se desorienta em função das fortes ondas, nem a telas das velas se arrebentam diante dos ventos que sopram constantemente em sentido contrário, nem tampouco naufragam aqueles que se confiam à instrução. Na verdade, tudo depende do Verbo Divino Pedagogo que, dentro de nós, prende-se à nossa frágil alma qual, de um barco, uma quilha subjacente ao edifício da fé. A quilha é aquela parte dos barcos que não apenas evita que as embarcações virem, mas sobretudo condiciona a pressão das águas do mar, para que a nau se projete para frente, ao invés de ser forçada a sair da rota por causa da impetuosidade do vento.

Com essa metáfora, tão linda quanto rara, Clemente de Alexandria toma consciência de que as religiões pagãs, a lei judaica e a fé cristã são fases de uma única e mesma obra erguida pelo Lógos Divino, ao mesmo tempo que são vetores que se ajustam num único e mesmo sentido de salvação. Essa parece ser igualmente a ideia do Canto das Kalendas de Natal — milhões e milhões de anos, desde que Deus criara o mundo...—, que coloca o Divino Criador tudo criando a seu tempo e tudo plenificando na pessoa do Lógos Encarnado, na plenitude e amadurecer do tempo.

Sob essa perspectiva de Clemente de Alexandria, podemos ler o salmo que ele mesmo menciona, o qual nos ajuda a entrar na dinâ-

mica dos Salmos dos Degraus (Salmos 120–134), procurando subir à presença do Altíssimo e Onipotente, do totalmente Outro, como nos indica a Metafísica, mas que nos pede que estejamos próximos dos outros no cotidiano da vida (Lv 19,18.34: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”):

De fato, Deus é bom para Israel, para os corações retos, por pouco meus pés tropeçavam um nada, e meus passos deslizavam, porque invejei os arrogantes vendo a prosperidade dos ímpios. Para eles não existem tormentos, sua aparência é sadia e robusta. A fadiga dos mortais não os atinge, não são molestados como os outros. (SI 73(72),1-5)

Na verdade, seguindo as intuições de Clemente de Alexandria, são mais turbulentos os ventos da inveja e da arrogância do que as correntes provocadas pelo paganismo ou pelo judaísmo. Não à toa que Cipriano de Cartago (séc. III d.C.), igualmente no norte da África, indicava dois ventos circulando para tentar destruir a embarcação dos que creem: 1) a heresia soprando para dentro do barco e 2) a apostasia aumentando rapidamente a distância entre o naufrago e o navio. Aqui não se fala do pagão que vive para fora do convívio cristão, como também não se faz menção dos judeus que compartilhavam de tantas tradições e costumes com os cristãos.

Para Clemente de Alexandria, fala-se, pelo contrário, dos erros pessoais de cada um, quando inventa e espalha as suas opiniões ou quando se rebela, para abandonar a Igreja. No entanto, no contexto de tanto perigo, Deus surge em sua bondade para escolher o seu novo Israel, que será todo aquele que tiver o coração reto, ou melhor, todo aquele cuja quilha, apesar de tantos tormentos e fadigas, funciona para manter o barco alinhado ao seu destino, para não permitir que o barco afunde por humanas vaidades.

A escola do Lógos Divino inaugurou estruturas mais avançadas e robustas para a formação catequética e mistagógica do ambiente alexandrino, vendo em Panteno, Clemente e Orígenes os pioneiros de um sistema universalmente assumido nas próximas gerações do oriente e do ocidente. Não demorou muito para que aquele plano da ação tríplici- ce do lógos protrepticós, pedagógos e didáskalos estimulasse a herme-

nêutica bíblica em três níveis — a saber: literário, moral e teológico —, na medida em que também provocava a revisão de todo projeto de evangelização na Igreja, que se expandia tanto no Oriente como no Ocidente.

A forma mais madura e hierarquizada desse processo trouxe os catecúmenos para os cuidados dos diáconos, os neófitos para as mãos dos sacerdotes e os irmãos mais avançados no conhecimento da fé para a tutela pedagógica do bispo; esta trilogia de educadores foi formatando processos e caminhos que, mais tarde, foram dando os indícios das escolas catequéticas e futuras escolas e universidades, a exemplo das que foram surgindo ao redor dos mosteiros, paróquias e sedes episcopais.

De alguma forma, o desenvolvimento que se percebe nos indivíduos também foi uma realidade pela qual a comunidade cristã precisou vivenciar. Será irreversível o fenômeno que conduz os cristãos, retirando-os daquele ambiente íntimo e familiar, para levá-los à condição de religião pública e institucional. Como nós só nos familiarizamos com os elementos e a lógica de uma igreja de ordem pública e institucional, devemos fazer um esforço muito maior para não ler os escritos antigos a partir do nosso contexto eclesial hodierno. De fato, não foram poucas as vezes em que se chegou a conclusões impróprias, ao se afirmar que a Igreja Católica foi algo criado pelo Império Romano, defendendo-se com afínco que os séculos anteriores fossem desprovidos de institucionalidade e que a verdadeira experiência de fé fosse apenas aquela que Jesus Cristo quis inspirar nos corações de quem crê. Tal juízo não corresponde à veracidade histórica, pois a Igreja, desde os tempos apostólicos, sempre se esmerou por ser mestra e formadora institucionalmente falando e não apenas pessoalmente falando.

As páginas desse livro do Prof. André, que temos em nossas mãos, hão de nos mostrar um exemplo de uma análise crítico-patristica relevante para a questão, antecipando consideravelmente para o segundo século os sinais de institucionalidade que podem ser colhidos da documentação à nossa disposição.

A comunidade cristã com a qual o leitor dessa obra deve se deparar é patrocinada numa dinâmica de diálogo franco com a cultura e de assimilação e troca de valores com as ciências, especialmente com a

filosofia e a medicina, que depois desemboca nas 7 artes liberais, das escolas antigas e medievais.

A utilidade de tudo isso se verifica com o propósito de reconhecer que a dicotomia entre o carisma e a instituição, entre a história e a fé, e até entre clero e leigos foi sendo constituída tardiamente. Por isso, o melhor modo de colher as informações desse estudo consiste no fato de reconhecer que a Igreja não se prejudica em sua natureza mística e material diante da proclamação da verdade e com a necessidade de se fazer presente em meio às diversas realidades desse mundo nem se desconfigura quando promove os leigos para que testemunhem no mundo o mistério de Cristo.

Justino de Roma (100–165 d.C.) conseguiu deixar o seu nome entre os autores mais ilustres do cristianismo. É oportuno que a sua personalidade e seu ensinamento continuem a nos fazer voltar para as fontes da fé cristã e a conhecer mais de perto o dia a dia da comunidade cristã primitiva, conservando o interesse por aquilo que os Padres da Igreja nos escreveram e deixaram como legado para as futuras gerações.

Esta obra está dividida em cinco capítulos: Grupos sociais e Escolas filosóficas; Tendências eclesiásticas; Características determinantes da comunidade de Justino de Roma; Livros, conteúdo e ensino; Características da constituição pedagógica da Escola de Justino; mais ainda conta com Introdução, Conclusão, Índices diversos, Referências bibliográficas.

Ou seja, essa é uma oportunidade ímpar para se aprofundar nos estudos de Justino de Roma e na temática da Educação, a partir de sua proposta a partir da trilogia indicada no título desta maravilhosa obra: “Educação, Igreja e Discipulado”.

Waldecir Gonzaga

Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana
(Roma, Itália) Diretor do Departamento de Teologia
da Pontifícia Universidade Católica Rio de Janeiro
Rio de Janeiro/RJ –Brasil.
E-mail: waldecir@puc-rio.br

1.

Introdução

Foram anos de dedicação e muitas viagens a bibliotecas europeias e americanas a fim que recolhêssemos o mínimo necessário para uma proposta original que considerasse os ensinamentos deixados por são Justino em seus escritos. Inicialmente, nós havíamos duas frentes de pesquisa: por um lado, se nos mostrou a possibilidade da análise histórica dos antecedentes do cânon bíblico em Justino, por outro lado, víamos claramente a interação dos textos de Justino com os ensinamentos dos comentadores de Aristóteles. Aproveite, porém, às diversas circunstâncias da vida que brotasse aos nossos olhos um material vasto sobre a atividade pedagógica de Justino. Desse material surge, então, a proposta de aprofundarmos os elementos institucionais da comunidade romana da qual Justino participava como característica que fosse capaz de distinguir aquele centro de agregação em relação aos demais núcleos eclesiais existentes na grande capital do Império.

Estudos que tentam reconstruir a história dos primeiros séculos do cristianismo são alvos fáceis de uma nomenclatura ambígua em relação às escolas daquela época. Às vezes esta classificação diz respeito ao grupo doutrinal que define e distingue uma corrente de pensamento das outras. Em outras circunstâncias, os autores entendem um sistema mais organizado como um centro formativo público, cujas etapas de ensino são estabelecidas para além da relação professor e aluno. Em se tratando de são Justino, a linguagem que optaremos é tendencialmente pedagógico-institucional conforme a segunda classificação acima.

À medida que a comunidade cristã em Roma se dividia a partir de tendências de interpretação ao interno dos grupos cristãos, deve existir um componente institucional mais profundo que garanta o interesse das gerações futuras pela atividade e produtividade que são Justino construiu em sua missão. O modo com o qual a comunidade romana de Justino impôs as suas ideias — isto é, submetendo as suas dificuldades à metodologia de uma escola de caráter filosófico — logrou mais sucesso do que as formas apresentadas pelas outras iniciativas.

A nossa proposta para esse livro se caracteriza pela pesquisa a partir da busca do que entendemos que possa ser o conteúdo mais denso da estrutura escolar de São Justino. Sugerimos que o nexo entre estes temas seja estabelecido desde a contextualização cultural romana, passando pelas múltiplas tendências cristãs até que possamos definir a existência de uma comunidade concreta onde Justino se encontrava. Os livros, os métodos e o conteúdo de ensino também serão vislumbrados com uma seção reservada à concretização da atividade de Justino ao interno da sua comunidade.

Metodologicamente, temos como ponto de partida e referência constante os textos das *Apologias* e do *Diálogo com Trifão* na perspectiva de uma análise que possa evidenciar a atividade de Justino como mestre e a sua relação com os seus discípulos. Como método de estudo nós também nos propomos em identificar os diversos grupos citados por Justino nos seus escritos, perguntando-nos sobre os elementos de distinção das escolas elencadas.

Este livro tem a preocupação em desenvolver o entendimento sobre a comunidade de Justino em Roma, quer individualizar e ampliar a compreensão do método que a escola de Justino decidiu usar no progresso da formação cristã do segundo século e pretende reconhecer as propostas pedagógicas fornecidas pelo apologeta romano.

2.

Grupos Sociais e Escolas Filosóficas

Nesse capítulo, gostaríamos de caminhar pelo ambiente sociocultural no qual o nosso autor recebeu a sua formação e a partir do qual desenvolveu o seu ministério de professor de filosofia ao interno da comunidade cristã.

2.1 Grupos linguísticos: grego, latim, hebraico, siríaco

O grego, o latim e o hebraico estão vinculados à origem familiar de Justino. Flávia Neápolis, uma cidade palestina de reminiscências judaicas após a invasão dos romanos em 72 d. C., Prisco, um pai cujo nome latino sugere a colonização histórica daquele lugar, e Báquio, um avô cujo nome grego salienta a imposição da língua grega que resiste à introdução do latim são as chaves de ligação entre o apologeta romano e as três realidades culturais mais expressivas em suas obras¹.

O grego é a língua oficial usada por Justino em seus escritos. No segundo século, o grego é a língua popular do império. Esta língua não apenas lhe permite uma inserção profunda nos aspectos essenciais da cultura da sua época como também o projeta na história da literatura grega como um dos mais importantes personagens da apologética cristã. Justino herda o grego dos poetas e dos filósofos renomados, embora os torne subordinados a Moisés² e o seu estilo esteja muito aquém das referências linguísticas rebuscadas³. Justino lê os textos proféticos e os seus respectivos comentários em grego. A terminologia da versão grega dos LXX influencia diretamente a reflexão feita por Justino, que a instrumentaliza para compor provas da autenticidade da fé cristã⁴. Seja qual for a capacidade literário-estilística de Justino, o apologeta romano não mede esforços para

¹ JUSTINO DE ROMA. *Dial.* 1, 1.

² JUSTINO DE ROMA. *I Apol.* 44, 8; 32, 1.

³ MORESCHINI, C., *Storia della filosofia patristica*, p. 297.

⁴ HENGEL, M., *Septuagint as Christian Scripture*, p. 37. Para aprofundar este assunto, é oportuno considerar SKARSAUNE, O., *The Proof from Prophecy*, 1987.